



**Da heteronomia da disciplina à autonomia do livre uso da razão:
a formação do cidadão justo**

Por CELSO DE MORAES PINHEIRO

celso.mpinheiro@uol.com.br

Segundo Kant o homem não é bom nem mau por natureza, uma vez que não é um ser moral por natureza. Ele torna-se moral apenas quando eleva a sua razão até aos conceitos do dever e da lei. Apenas através da educação é possível ao homem desenvolver sua razão e, portanto, atingir o grau de moralidade necessário para a postulação de uma vida justa na terra. Apenas com a possibilidade de uma educação que estabeleça de modo claro e preciso bons princípios, e que estes sejam compreendidos e aceitos pelas crianças, será possível a ideia de um mundo justo e moral. Conforme Kant, o homem é a única criatura que precisa de educação, incluindo a alimentação, disciplina e a formação moral, com vistas para a formação do caráter e a instrução. A educação das crianças menores precisa conter um largo elemento de disciplina, enquanto as crianças mais velhas devem ser encorajadas a pensar por si mesmas. Diz Kant que um dos maiores problemas da educação é como unir a submissão necessária ao constrangimento das leis com o exercício da liberdade. O conceito de disciplina possui um papel central na mediação entre as convicções pedagógicas e a moral kantiana. Kant tem uma visão profundamente positiva do efeito da disciplina na educação, e tem convicção que através dela a natureza humana estará continuamente em aperfeiçoamento, permitindo a possibilidade de uma raça humana mais feliz no futuro. O papel da disciplina, momento negativo e inicial do processo de educação já traz em si a finalidade última do processo inteiro. Ao determinar que esse primeiro momento da educação seja heterônomo, Kant não entra em contradição com a ideia da necessidade do caráter autônomo para o bom uso da razão. O que se mostra aqui é o caminho pelo qual a razão pode atingir seu desenvolvimento. Kant não esquece que o homem é único, apesar de poder ser entendido a partir de suas características sensíveis ou inteligíveis. Sendo só sensível, o homem seria um mero animal. Sendo apenas inteligível, seria divino. A educação faz-nos ver e perceber aquilo que seja o homem para Kant. Nada há a temer em se afirmar que da heteronomia podemos





chegar à autonomia. Portanto, nada há a temer quando se afirma que a disciplina leva ao livre uso da razão.

Quando Kant afirma, no *Conflicto das Faculdades*, que aprendeu

na *Crítica da Razão Pura* que a filosofia não é uma ciência das representações, conceitos e ideias, ou uma ciência de todas as ciências, ou ainda algo de semelhante, mas uma ciência do homem, do seu representar, pensar e agir: - deve apresentar o homem em todas as suas partes constitutivas, tal como é e deve ser, isto é, tanto segundo as suas determinações naturais como também segundo a sua condição de moralidade e liberdade. (KANT, 1993, p.85),

então, torna-se clara a importância e relevância da quarta questão, apresentada por Kant na *Lógica*, que, resumindo as três primeiras (que posso saber? Que devo fazer? O que me é lícito esperar?) pergunta sobre o homem (KANT, 1992, p.42). A questão acerca do homem será, portanto, o fio condutor da tarefa crítica de Kant. Aquilo que é o homem estará sempre presente nas análises kantianas, impondo-se ora como princípio ora como fim. É bom lembrar que Kant não busca apenas uma aproximação antropológica com a quarta questão, mas antes, ao fundar o ideal de homem, representado pela humanidade como um todo, abre a possibilidade de uma visão transcendental da pergunta. Assim, buscar a resposta à quarta questão será a finalidade própria da filosofia de Kant.

Um caminho para a determinação daquilo que é esse homem, ou melhor, a busca por um modelo de homem que sirva como ideia para a formação da humanidade, está presente na teoria kantiana da educação, principalmente a exposta no texto *Sobre a pedagogia*. Ali, os estudos acerca da educação repousam essencialmente sobre a oposição entre natureza e liberdade. Kant encontra essa oposição no homem, isto é, a partir de uma análise, que se ocupa com o conceito de homem, se encontra a necessidade de dividi-lo em dois âmbitos distintos: natureza e liberdade. Mas, precisamente tal divisão é o fundamento do sujeito humano, pois somente a partir dela podemos ter a determinação empírica e humana do sujeito. Assim como encontramos essa oposição na educação, na história, na política, etc., também a encontramos na filosofia crítica, onde ela percorre o trajeto desde a aparência dialética até a síntese do imperativo categórico.

Kant formula a oposição entre natureza e liberdade mostrando as duas formas de cultura que constituem a educação humana: cultura física e cultura moral. Cultura física é aquela que





faz uso do determinismo, é o lugar onde as faculdades do homem são naturais. Já a cultura moral é aquela em que a verdadeira liberdade é realmente encontrada. Todo o processo educacional visa a moral, pois na liberdade se encontram realizados, não somente todos os fins incondicionados da humanidade, mas também a essência do homem. Na cultura moral, podemos encontrar também a razão, enquanto autonomia e liberdade, reguladora da ordem social, garantidora da unidade dos princípios e da educação moral. A razão determina *a priori* o trabalho de “promover com todas as nossas forças o maior bem do mundo, o qual consiste na ligação do maior bem dos seres racionais do mundo com a suprema condição do bem nos mesmos, isto é, da felicidade universal com a moralidade maximamente conforme a leis” (KANT, 1993, p.293). A educação moral é, em consequência, a mais alta e importante tarefa da educação¹. Será em direção a ela que todas as outras formas da educação devem estar orientadas.

Com isso temos que, aquilo que realmente importa em toda obra educativa, é a maneira pela qual se efetua a passagem de uma consciência ingênua, típica do estado de animalidade do homem, à maturidade e à liberdade. A conquista da maioridade, da capacidade de pensar por si mesmo, de achar o princípio da verdade em si, em sua própria razão, é a tarefa da educação. Isso nada mais é do que afirmar que a educação proporciona o esclarecimento. Kant busca, com a exposição de sua pedagogia, mostrar qual o caminho possível para dar à criança os meios necessários de viver em sociedade. Meios técnicos e pragmáticos, resultantes de uma crítica dos ensinamentos da natureza. Em outras palavras, Kant busca transformar a criança num homem. E esse homem, meta de toda educação, é um ideal, um modelo. O homem, almejado pela educação moral, como finalidade de todo processo educacional, é um homem que detém todo o conceito de humanidade e de moralidade em si. Ao preparar a criança para se tornar esse homem moral, Kant não esquece de buscar também um desenvolvimento de seu lado sensível, físico, pois está ciente da

¹ Cf. PHILONENKO, A. Introduction: Kant et le problème de l'éducation, in *Kant – Réflexions sur l'éducation*. Paris : Vrin, 2000, p.64: “Ainsi c'est seulement au niveau de l'éducation morale que l'éducation en totalité trouve son sens: l'enfant reçoit sa vraie valeur, il est homme”.





dualidade entre natureza e liberdade ser o mote de progresso, apenas porque se busca a união entre os dois âmbitos.

O início do processo de educação proposto por Kant, conforme trazido à luz pelo texto *Sobre a Pedagogia*, nos mostra a fundamental importância da disciplina. Não por acaso, logo na primeira página de seu texto, Kant afirma que é através da disciplina que o homem transforma a animalidade em humanidade. Justamente por isso, a disciplina é, segundo Kant, “o que impede ao homem de desviar-se do seu destino, de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais” (KANT, 2006, p.12). Lembremos que os desejos são, para os homens, múltiplos e contraditórios. Justamente por isso um recém-nascido pode machucar-se; e, para evitar isso, é necessária a intervenção dos adultos. Faz-se necessário impor uma ordem e uma medida a seus movimentos.

Os animais, ao contrário dos homens, são dotados de uma força instintiva determinante para toda sua vida. Os instintos animais comandam toda ação da vida de um animal. Segundo Kant, isso marca a maior diferença entre os homens e os animais, visto que para os homens, a natureza deu a razão. De uma maneira geral, o homem não é dotado de um instinto nos mesmos moldes do instinto animal. Ele possui desejos, mas estes não são regulados e ordenados pelos instintos. Como exemplo disso podemos pensar na atividade sexual dos animais, geralmente determinadas, instintivamente conforme as estações do ano, temperatura, condições climáticas, etc. Os homens não são obrigados pelo instinto a manter uma atividade sexual em apenas determinadas situações naturais. O homem mostra sua liberdade ao afastar-se das determinações instintivas da natureza.

Como não podem contar com os instintos para determinar e garantir sua vida e segurança, os recém-nascidos dependem exclusivamente de outros para não prejudicarem a si mesmos. Assim, os cuidados oferecidos pelos adultos para as crianças representam o primeiro momento da educação apresentada por Kant. E esse primeiro momento, que mostra o homem como dependente de outros, também serve para reforçar a ideia que o homem é um ser completamente inacabado. A criança é um ser que ignora o modo de manter-se, mas nem por isso é um ser inferior. Ao contrário, segundo Kant, o fato do homem ser por natureza inacabado e deficiente é indício de sua dignidade e da força de sua razão. Se a natureza deu





ao homem a condição de inacabado, emprestou, ao mesmo tempo, a necessidade de que ele se desenvolvesse. Ora, isso mostra o quanto o homem é digno de respeito, pois pode, por si mesmo, atingir seu fim último, sem precisar ser determinado desde seu nascimento pelos instintos.

Se o homem é por natureza obrigado a determinar-se por si mesmo, então uma das condições básicas aqui inscritas é a de que ele possa obedecer e respeitar uma regra em geral. Pois apenas assim colocará em prática suas próprias decisões. Não devemos esquecer que essas decisões implicam uma reflexão autônoma. Cabe ao homem a tarefa de determinar-se a si próprio, e de maneira autônoma. A reflexão, que ajuda a consecução da realização da ação, é um ato racional, não impulsivo e muito menos intuitivo. Todo valor da razão encontra aqui sua justificação. A reflexão permite ao homem ser seu próprio mestre. O processo necessário de um desenvolvimento autônomo da razão é visto, através da reflexão, como o caminho possível para se atingir a finalidade da educação em Kant. O pensar por si mesmo é trazido à luz como o verdadeiro fim da educação. Com isso, a reflexão mostra que o homem não é simplesmente submisso aos impulsos do momento. Ela implica, de uma outra forma, uma espécie de abandono à satisfação dos desejos mais imediatos. Através da reflexão racional o homem é capaz de dominar seus impulsos e desejos, freando as disposições naturais de agir precipitadamente.

A tarefa máxima da disciplina na educação em Kant é justamente fazer as crianças poderem aprender a obedecer. A disciplina favorece o surgimento da obediência. Não uma obediência cega e totalmente heterônoma. Muito menos uma obediência a impulsos e desejos imediatos, mas uma obediência às regras racionais autônomas. A disciplina não é apresentada por Kant como uma espécie de escravidão, mas como um processo necessário para a compreensão que devemos sempre seguir regras. E, para segui-las, devemos aprender a respeitá-las. Em outros termos, não há como respeitarmos leis se não sabemos como respeitar. Através da disciplina, Kant nos ensina que os homens aprendem a agir de modo organizado e refletido.

O hábito que a criança vai adquirir através da disciplina é um hábito formal, isto é, um hábito de impor uma certa forma à sua ação. O mais importante na disciplina da criança não





é fazê-la cumprir o que foi determinado, mas fazer com que ela consiga controlar seus movimentos espontâneos e respeitar uma regra. Justamente por isso a disciplina na escola deve ensinar o aluno a ter paciência e tranquilidade. Quando Kant afirma que o primeiro momento da disciplina está em fazer o aluno ficar quieto em seu lugar, está implícita a ideia que a obediência deve vir acompanhada de um sentimento de paciência. A intranquilidade favorece a obstrução do pensamento. Só com tranquilidade e calma o aluno pode pretender a tarefa de bem pensar. Apenas respondendo a seus instintos mais imediatos, o aluno não reflete, e não refletindo não propicia o bom desenvolvimento da razão, único meio possível para o esclarecimento. É por isso que a disciplina deve coagir a aluno, num primeiro momento, a obedecer, a restringir seus impulsos e desejos imediatos. Nesse primeiro momento, disciplinador, a educação pode ser vista como negativa.

A disciplina traz consigo a coação, necessária também no processo de afastamento do estado primitivo selvagem do homem natural. A coação aqui cumpre a tarefa de limitar a liberdade, mas não a liberdade em sentido moral, porém a liberdade selvagem, liberdade anárquica, instintiva e irresponsável. Essa liberdade é aquela liberdade selvagem, encontrada no estado sem leis, onde reina a desordem, a violência e a brutalidade. É a liberdade no sentido do sem-lei. A educação, por seu turno, deve se opor à brutalidade e à selvageria (VANDEWALLE, 2001, p.22). A condição proposta por Kant é simples, ou seja, “quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não tem disciplina ou educação é um selvagem” (KANT, 2006, p.16). O papel da disciplina é tão importante, no pensamento de Kant, que podemos ler na sequência: “A falta de disciplina é um mal pior que a falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina” (KANT, 2006, p.16).

A partir da ideia de disciplina, temos que a tarefa da educação é a de vencer os impulsos anárquicos da liberdade nativa. A fim de cultivar a razão, desde a infância, é necessária a aplicação da disciplina e da coação. O processo todo de educação, que visa desenvolver a totalidade das disposições do homem e, sobretudo, do uso da razão, está, portanto, fundado na operação da disciplina. Segundo Philonenko, na operação da disciplina o que está em jogo é “a totalidade da educação”. Com isso, a cultura, positivamente entendida, só possui valor



na “condição de se apoiar sobre a disciplina, que produz a obediência e abre à educação seu mais vasto horizonte ao formar o homem político” (PHILONENKO, 2000, p.49).

O papel fundamental da disciplina é, portanto, conciliar e possibilitar ao homem a convivência com os impulsos imediatos e prazerosos do mundo empírico com a obediência racional do mundo moral. Ou seja, a disciplina afasta o mais possível a influência das tendências exteriores (heterônomas) em nossos atos. Tudo aquilo que se mostra mais fácil, que é mais rápido de ser atingido, ou numa linguagem popular, é mais gostoso, geralmente provém de situações que não são justas para todos. É inegável que existe uma tensão que contribui para uma dificuldade na consecução da lei, seja ela uma lei moral ou uma lei jurídica. E essa dificuldade impediria a moralidade mesma, o que implica que a possibilidade de uma sociedade legal de direito e, portanto, livre, também enfrenta problemas devido a essa tensão. A disciplina visa justamente a superação, ou ao menos a diminuição dessa tensão. É apenas graças a ela que pode vir a ser forjado o caráter moral do homem. Caráter esse necessário para o desenvolvimento de um estado de paz perpétua. Em outras palavras, podemos afirmar que a força coercitiva da disciplina nos oferece a oportunidade de domarmos nossos impulsos mais animais. Através desta força, diz Kant, nos afastamos da tendência natural de preguiça, típica dos homens, e nos aproximamos de uma situação de maior esclarecimento. Com isso, caminhamos rumo a uma sociedade justa, formada, finalmente, por homens esclarecidos.

A disciplina, entendida como o primeiro momento da educação, mas, que apesar de ser primeiro, não se acaba de imediato, devendo permanecer em todo processo de educação, será, desta forma, fundamento de possibilidade do bom desenvolvimento do homem. O caráter positivo da educação encontra aqui toda sua força, isto é o mesmo que afirmar que sem disciplina, dificilmente teremos como formar o verdadeiro cidadão, e muito menos almejar uma sociedade justa e de paz. Kant nos ensina que a finalidade última da educação é a formação moral dos indivíduos e a possibilidade de seu esclarecimento. A disciplina possui um caráter determinante e fundamental em todo esse processo. Com ela podemos esperar um caminho possível, e talvez o único caminho possível, para o esclarecimento.





Segundo Kant, o momento heterônomo da educação apresentado pela disciplina serve para impedir que o homem se jogue selvagemmente ao perigo. Devido a essa principal característica de impedir um mal ao homem, ela pode vir a ser considerada a parte negativa da educação. De acordo com Kant,

A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis. Mas, isso deve acontecer bem cedo. Assim, as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos. (KANT, 2006, p.13).

Ora, é claro o objetivo da ideia aqui apresentada por Kant: ensinar a obedecer e a domar seus impulsos. O grande problema que se coloca quando se faz apenas uma análise parcial da obra de Kant é que não percebemos que o dever, a fim de nos obrigar a obedecer, deve ensinar a obedecer. Pois, caso considerássemos a obediência de modo a priori, correríamos o risco de estabelecer que há algo anterior e externo responsável pela razão. A compreensão da disciplina como possibilitadora da obediência é fundamental para o estabelecimento do esclarecimento. E é justamente nessa direção que aponta a ideia de um início heterônomo no processo de educação, que possui como finalidade a autonomia da razão. A partir disso, podemos afirmar que a educação em Kant se apresenta em dois momentos, inicialmente distintos, mas relacionados necessariamente, a saber, em um primeiro momento a educação das crianças – disciplina, e num segundo momento a educação dos adultos – esclarecimento.

É possível perceber, conforme afirma Kant, que a disciplina deve ser colocada desde cedo, pois do contrário é “muito difícil mudar depois o homem. Ele seguiria, então, todos os seus caprichos” (KANT, 2006, p.13). Kant insiste em afirmar que a disciplina é essencial para a perfeição da humanidade, visto que sua falta não pode ser remediada posteriormente, ou seja, podemos dizer que sua falta impedirá o homem de esclarecer-se, visto que se não conseguir dominar seus caprichos não alcançará a liberdade.

A disciplina é, então, fundamental para a possibilidade do esclarecimento. Mas, não podemos esquecer que se faz necessário que alguém que a instaure. Esse alguém deve justamente ser uma autoridade competente, portanto, esclarecida. A autoridade política deve ser moralmente estabelecida. A autoridade moral, por seu turno, é a própria razão. Mas, não



podemos obedecer à lei moral antes de aprendermos a obedecer, aprendizado este que se coloca como possível a partir da ação da autoridade política no processo educacional. Se a disciplina é fundamento de possibilidade do esclarecimento, este é, por sua vez, fundamento de possibilidade daquela. E, mais importante, ambos se dirigem, necessariamente, para a consecução da moralidade e da legalidade.

Assim, a garantia de uma educação que vise o fim último do homem, fim que possui como norteador a ideia de uma sociedade justa, formada por homens morais, deve ter seu início na disciplina. Através da disciplina o caminho para a consecução da finalidade moral encontra-se aberto. Não devemos pensar, ingenuamente, que bastaria isso para encontrarmos um reino dos fins na terra. Kant é ciente da dificuldade, e até mesmo da impossibilidade disso. Mas, sem dúvidas, a disciplina detém um papel fundamental para essa busca por uma sociedade mais justa, finalidade que se mostra presente na vida humana. Só com a educação poderemos sonhar em atingir um estado de paz. E, sem disciplina, a educação não completa sua finalidade. Deste modo, a disciplina é, em Kant, fundamental e garantidora de uma educação que busque atingir seu fim último. Sem disciplina não há progresso, não há educação, não há esclarecimento. De uma forma direta, sem disciplina não haveria homem moral.

A educação moral é a finalidade última do processo de educação proposto por Kant. Se, tivéssemos que responder em uma frase qual a finalidade da educação em Kant, diríamos: a educação moral. Mas, não devemos nos apressar. Educação moral não é o ensino de normas e regras morais. Antes, é o próprio pensar por si mesmo. A autonomia, caráter fundamental para o desenvolvimento da razão e da moralidade, é requerido como princípio para a possibilidade da educação moral. Não há pretensão de ensinar a virtude, ou, em outras palavras, ensinar moral. Nesse caso, diria Kant, ao se pretender ensinar moral, obriga-se a criança a pensar através de regras já determinadas. Ora, isso é justamente o que Kant abomina: a heteronomia. A ideia de uma educação como formadora do caráter moral do indivíduo requer um pensamento autônomo. Apenas com isso é possível a postulação de uma educação que atinja sua mais alta finalidade.

Na educação moral, se abre a oportunidade para podermos pensar que o homem logra almejar a totalidade de seus desígnios superiores. Todo plano ou projeto de educação possui





uma dupla vocação: a de formar o homem de maneira que ele possa responder às exigências da vida em sociedade; e a de torná-lo livre, consciente e responsável. Ou seja, a educação moral, no conjunto de seus caminhos, busca sempre a totalidade da destinação moral do homem. Com isso, vemos que a união entre o social e o moral é trazida à luz pela educação moral. Através dela, podemos vislumbrar o caminho para a finalidade suprema do homem, passando por todo processo da educação, do esclarecimento, da vida em sociedade, até atingir sua meta final, a saber, moralizar o homem.

Segundo Kant, a etapa suprema do desenvolvimento moral é a consolidação do caráter. “Consiste na resolução firme de querer fazer algo e colocá-lo realmente em prática” (KANT, 2006, p.87). Essa consolidação implica uma confiança, uma confiança em si, que determina os comportamentos do sujeito humano numa sociedade, “porque um homem que toma uma decisão, e não a cumpre, não pode ter confiança em si mesmo” (KANT, 2006, p.87). O homem que toma uma decisão qualquer obedece verdadeiramente a uma lei superior, uma lei da razão, que o dirige e o leva até ao fim da ação. A questão é que nos é impossível determinar e verificar a intenção ou o princípio que guia sua vontade. Mas, ao menos, é certo que a tentativa de defender seu próprio ideal nos leva a pensar que sua consciência está em concordância com a razão. A fim de fundar um caráter moral nas crianças, torna-se necessário dar a elas deveres: “É preciso ensinar-lhes, da melhor maneira, através de exemplos e com regras, os deveres a cumprir. Estes deveres são aqueles costumeiros, que as crianças têm em relação a si mesmas e aos demais. Estes se deduzem da natureza das coisas” (KANT, 2006, p.88). Quando Kant fala da natureza das coisas, ele busca interrogar e investigar aquilo que há no fundo do ser, isto é, aquilo que é necessário explorar para se obter o que realmente funda e torna possível a experiência moral. Em outras palavras, ao impor deveres às crianças estamos buscando as causas primeiras da autonomia da vontade. Aquele que não possui a ideia do dever não poderá aplicar praticamente as virtudes dos deveres para consigo mesmo e para com o outro, porque ignora de fato o respeito à lei e a ideia de humanidade em sua própria pessoa. Assim, instruir a criança com deveres, fazer dela um ser racional, é uma necessidade, pois o homem não é um ser moral por natureza. Torna-se moral apenas quando eleva a sua razão até aos conceitos do dever e da lei.





Claro é Kant ao mostrar que os primeiros momentos do processo de educação possuem um caráter absolutamente heterônomo. Os cuidados com a primeira infância, a disciplina e a instrução com a formação, momentos iniciais da educação física, são caracterizados por sua força heterônoma. Vem de fora os atos coercitivos que moldarão o processo de formação. Por mais incrível que possa parecer em se tratando de Kant, esse primeiro momento heterônomo é necessário e fundamental para o desenvolvimento da autonomia. Nunca é demais lembrarmos que as leis morais são leis, ou seja, devem possuir alguma forma de coerção. Mas, lembra Kant, para obedecer às leis é necessário, antes, que possamos escutá-las e compreendê-las. E esse processo não é inato. Justamente por isso, pode Kant afirmar que “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação” (KANT, 2006, p.15)

Referências

KANT, Immanuel. *Anthropologie du point de vue pragmatique*. Tradução Alain Renault. Paris : Flammarion, 1993.

_____. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valerio Rohden e António Marques. Rio de Janeiro : Forense, 1993.

_____. *Lógica*. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1992.

_____. *O conflito das faculdades*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento? In: *Immanuel Kant Textos Seletos*. Trad. de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

_____. *Sobre a Pedagogia*. Trad. de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 2006.

PHILONENKO, A. Introduction: Kant et le problème de l'éducation. In: KANT, *Réflexions sur l'éducation*. Traduction, introduction et notes par A. Philonenko. Paris: Vrin, 2000.

PINHEIRO, Celso de Moraes. *Kant e a educação: Reflexões filosóficas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

SANTOS, Robinson. *Moralität und Erziehung*. Kassel: Kassel University Press, 2007.

VANDEWALLE, Bernard. *Kant: Éducation et Critique*. Paris : L'Harmattan, 2001.

